

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**TAÍS MARIA NAUDERER**

**A IMAGEM DA ENFERMEIRA:**

**PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Porto Alegre

2003

**TAÍS MARIA NAUDERER**

**A IMAGEM DA ENFERMEIRA:**

**Pesquisa Bibliográfica**

Trabalho de conclusão apresentado à disciplina de Estágio Curricular (ENF. 99003) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Título de Enfermeira.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Alice Dias da Silva Lima

Porto Alegre

2003

Biblioteca  
Esc de Enfermagem da UFRGS

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>5</b>
2.1	Imagem .....	5
2.2	História da Enfermagem.....	6
2.3	Imagem da Enfermeira .....	10
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....</b>	<b>20</b>
4.1	Artigo <i>Does public image of nurses matter?</i> .....	21
4.2	Artigo Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em Enfermagem.....	24
4.3	Artigo <i>Caring attributes, professional self concept and technological influences in a sample of registered nurses in eleven countries</i> .....	25
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da imagem da enfermeira<sup>1</sup> conforme identificada pela sociedade. A escolha desse tema ocorreu devido a diversas ocasiões em que presenciei pessoas referindo-se às enfermeiras fazendo uso de estereótipos, demonstrando desconhecimento do trabalho ou caráter depreciativo em relação à profissão.

Sabe-se que, popularmente, a figura da enfermeira é identificada com distorções e, muitas vezes, com desvalorização social. Um exemplo disso foi a minha opção pelo curso, quando da minha escolha no vestibular, que foi dificultada por essas idéias inverídicas. Associado a isso, após a aprovação, os familiares me parabenizavam pela conquista da vaga na Universidade, mas ao mesmo tempo aconselhavam a dar continuidade aos estudos, pois eu deveria buscar algo superior, como a Medicina, imaginando que os que faziam a opção pela Enfermagem seriam sempre “médicos frustrados”. Isso dificultou e permeou de pessimismo a entrada na Graduação em Enfermagem, pois eu acreditava que a realidade da profissão fosse a baixa remuneração e a subalternidade a outros profissionais, especialmente ao médico. Essa condição é justificada pela literatura, quando Santos *et al.* (1988) conclui em seu estudo com alunos ingressantes no curso de Graduação em Enfermagem que a imagem é um fator determinante na opção profissional, podendo influenciar a quantidade e a qualidade dos alunos que ingressam nos cursos de Enfermagem. Felizmente essas distorções foram corrigidas no início da Graduação, quando passei a ter mais conhecimento sobre a realidade da profissão.

---

<sup>1</sup> Será utilizado o substantivo feminino, de acordo com a designação cultural genérica utilizada para essa categoria profissional.

Entretanto, comentários com referências imprecisas em relação à identificação da imagem da enfermeira continuam existindo em diversas ocasiões, me instigando a buscar subsídios para uma melhor compreensão dessa situação. Logo, levando-se em conta as minhas experiências com a desinformação da população em geral em relação à realidade profissional da enfermeira, surgiram questões como: Qual a imagem utilizada pela sociedade atual para identificar a enfermeira? O que existe na literatura científica a esse respeito? Quais são os fatores que influenciam a construção dessa imagem? Houve alguma mudança nessa imagem em algum momento? Como a imagem influi na valorização social das enfermeiras?

Acredito que a relevância deste trabalho está na própria discussão do tema, o que pode contribuir para uma maior compreensão da imagem da enfermeira e dos seus fatores relacionados. Assim, este estudo tem por objetivo:

- ♦ **caracterizar e analisar a imagem da enfermeira através de uma pesquisa bibliográfica, propondo reflexões acerca do tema.**

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta uma revisão da produção científica acerca da imagem da enfermeira e alguns fatores que podem estar a ela relacionados. Está organizado em três tópicos: *imagem*, no qual são desenvolvidas considerações sobre o conceito de imagem; *história da enfermagem*, trazendo a origem e a evolução da profissão e buscando os aspectos que podem ser úteis para as discussões propostas; *imagem da enfermeira*, no qual o tema é discutido, baseado nas publicações de autores nacionais e de fora do Brasil.

### 2.1 Imagem

Conforme Dorsch (2001) a imagem significa o quadro que uma pessoa tem do objeto de sua vivência. Seu conceito está intimamente ligado à idéia de prestígio social e sua construção relaciona-se a concepções, sentimentos e atitudes. Imagem pode significar também a opinião (contra ou a favor) que o público pode ter de uma instituição, organização ou personalidade ou o conceito que uma pessoa goza junto a outrem.

A imagem de qualquer categoria profissional na sociedade pode ser associada a poder, reconhecimento e status. Conforme Santos *et al.* (1988) o que a sociedade pensa do profissional é tão importante quanto aquilo que ele realmente é, pois a projeção de uma imagem negativa dificulta o desenvolvimento da profissão e o seu reconhecimento por parte da sociedade.

A imagem profissional da enfermeira é uma rede de representações sociais da profissão, as quais através de “um conjunto de conceitos, afirmações e explicações, reproduz e é reproduzida pelas ideologias originadas no contexto das práticas sociais, internas/externas a ela” (SILVA, PADILHA e BORENSTEIN, 2002, p. 588). Assim, a imagem profissional remete-se à identidade da própria profissão, relacionada às características e significados exclusivos desta. Para as autoras essa relação imagem/identidade é um fenômeno histórico, social e político, configurando-se em uma totalidade contraditória, múltipla e mutável.

## 2.2 História da Enfermagem

As primeiras referências a enfermeiras na história são encontradas no Velho Testamento Bíblico, apesar do papel dessas pessoas não estar claramente identificado. A palavra enfermeira é derivada do latim *nutrix* que corresponde à “mãe enfermeira”, imagem associada a uma mulher que acompanhava uma criança que geralmente não era sua, como uma babá. Ao longo dos séculos a palavra “enfermeira” evoluiu até ser associada a uma pessoa que cuida de enfermos, não necessariamente do sexo feminino (ELLIS, 1998).

A Enfermagem surgiu como uma resposta intuitiva ao desejo de manter as pessoas saudáveis, proporcionar conforto e proteção aos doentes, constituindo o que Uprichard<sup>2</sup> *apud* Ellis (1998) chama de Imagem Folclórica da Enfermeira. O papel de enfermeira era assumido não por todas as mulheres, mas por aquelas que apresentavam desejo e habilidade para cuidar e o conhecimento que essas mulheres desenvolviam e acumulavam sobre saúde era passado

---

<sup>2</sup> UPRICHARD, Muriel. Ferment in nursing. In: Auld E, Birum LH: **The Challenge of Nursing**. St Louis: CV Mosby, 1973: 24-31

oralmente de geração para geração, relata Angelo, Forcella e Fukuda (1995). Naquela época existia uma relação íntima da religião e do folclore com as artes curativas.

Já no Brasil, a Enfermagem surgiu com elementos exclusivamente do sexo masculino, primeiramente com os índios, nas figuras dos feiticeiros, pajés e curandeiros, que se ocupavam dos cuidados aos que adoeciam em suas tribos, e mais tarde com os jesuítas, voluntários leigos e escravos, selecionados para tal tarefa (GERMANO, 1985).

A denominada por Uprichard<sup>2</sup> como a Imagem Religiosa da Enfermeira ocorreu na Era Cristã e Idade Média, quando foram organizados grupos como as “ordens para cuidar dos doentes, dos pobres, dos órfãos, dos viúvos, dos idosos, dos escravos e dos prisioneiros, tudo feito em nome da caridade e do amor Cristão” (ELLIS, 1998, p. 29). As mulheres solteiras (diaconisas), as virgens e as viúvas tiveram oportunidades de trabalho jamais imaginadas, porém à medida que a Enfermagem desenvolvia uma imagem associada à religião, uma disciplina cada vez mais rígida era exigida e a obediência absoluta às ordens médicas e dos pastores era determinada, conforme relata Ellis (1998).

As características marcantes de gênero em uma profissão quase que exclusivamente feminina contribuíram com essa imagem de obediência e submissão. Conforme Rodrigues (1997) fazia parte da formação advertir as enfermeiras que não era necessário dominar o conhecimento médico, mas realizar tarefas domésticas de rotina, sem julgamento crítico ou iniciativa. Com isso eram garantidas a subordinação e a dependência de seu trabalho ao do profissional médico, o que ocasionou considerável atraso na evolução da profissão, visto que suas precursoras preocupavam-se em enaltecer, em primeiro lugar, os valores referentes à beleza da profissão e às perspectivas de vida dedicada ao próximo. Acredita-se que esta seja a mais forte herança trazida pela história, pois muitos séculos após ainda perdura essa imagem. Conforme Silva (2003, p. 01) “no final do século XIX e princípio do século XX a enfermeira tinha como principal valor a obediência: servir os doentes, os médicos, a instituição”.



Collière (1989) traça um paralelo entre a condição feminina na história e a baixa remuneração das enfermeiras em geral, quando refere que no passado os cuidados aos doentes eram considerados como inatos à mulher, inscritos no seu patrimônio genético e associados ao amor maternal. A autora afirma que o impacto desse passado cultural, associado à divisão sexual do trabalho e à influência dos valores religiosos veiculados desde a idade média colaboram para a desvalorização econômica lenta, mas segura, do conjunto de práticas de cuidado asseguradas pelas mulheres. Padilha, Nazario e Moreira (1997) associam esses sentimentos de amor e doação ao exercício da obediência e humildade, contribuindo para que faça parte do ideário da sociedade hoje que as enfermeiras trabalhem sempre a serviço do outro, sem uma remuneração decente ou mesmo condições de trabalho que possibilitem um digno exercício da profissão.

Germano (1985), buscando na história da Enfermagem no Brasil as razões para a atual condição da profissão de enfermeira, escreve sobre Ana Néri, considerada pelo Governo Brasileiro de sua época a Mãe dos Brasileiros e, até os dias de hoje, símbolo da Enfermagem nacional, que tinha como maiores virtudes abnegação, obediência e dedicação, sendo que o Estado Novo institucionalizou seu heroísmo, patriotismo e resignação. Assim, a imagem que permaneceu no país é a de que a enfermeira deve ser alguém disciplinado e obediente, alguém que não exerça crítica social, porém socorra e console as vítimas da sociedade.

O Renascimento (séc. XIV a XVI) provocou uma revolta contra a supremacia da Igreja Católica, quando foram dissolvidas ordens religiosas e o trabalho das mulheres nessas ordens foi extinto, iniciando os ditos “Anos Negros da Enfermagem”. O papel das mulheres na sociedade mudou: deveriam resignar-se aos limites de seus lares e obedecer a seus maridos. Assim, o cuidado aos doentes foi deixado a cargo de “mulheres ‘incomuns’, um grupo que compreendia prisioneiras, prostitutas que eram forçadas a trabalhar como serventes domésticas” (ELLIS, 1998, p. 32). A Enfermagem naquela época era considerada um serviço

doméstico, sendo pouco desejável, em virtude das longas horas, da baixa remuneração e do estressante trabalho. A denominada Imagem Servil da Enfermeira por Uprichard<sup>2</sup> representava uma mulher gorda, velha, bêbada, com uma aparência desagradável, por vezes masculinizada e insensível (ELLIS, 1998).

As três classificações da imagem da enfermeira referidas acima por Uprichard<sup>2</sup>, folclórica, religiosa e servil, são identificadas por ele como as heranças do passado da Enfermagem que tendem a influenciar sua imagem e inibir seu progresso hoje, segundo Ellis (1998).

No Brasil do século XVI, a Enfermagem tinha um cunho essencialmente prático, conforme relatado por Germano (1985), razão pela qual eram extremamente simplificados os requisitos para o exercício da função de enfermeira. Essa condição perdurou até o início do século XX, ou seja, nesse período não era exigido qualquer nível de escolarização para aqueles que exerciam a profissão e a prática era embasada em conhecimentos puramente empíricos.

A primeira escola de enfermeiras no Brasil surgiu em 1890, nas dependências do Hospício Nacional de Alienados, pela necessidade de formação de profissionais de Enfermagem para tal instituição, pois as irmãs de caridade, até então responsáveis pelos cuidados aos doentes, haviam abandonado o hospício por incompatibilidade com o seu diretor. Essa escola, chamada Alfredo Pinto, era baseada no modelo da Escola de Salpêtrière e tinha sua organização e direção realizada por médicos, segundo Padilha (1994). A Escola Ana Néri, fundada em 1923, foi a primeira no Brasil a ministrar o ensino sistematizado de Enfermagem baseado no modelo nightingaleano, a cargo de enfermeiras americanas e foi pioneira também na exigência de escolaridade mínima para ingresso: curso normal ou equivalente (GERMANO, 1985).

A desvalorização da profissão de enfermeira no Brasil do início do século passado era tanta que, conforme relata Padilha, Nazario e Moreira (1997), na criação do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1922, uma das organizadoras evitou em seu discurso utilizar a palavra “enfermeira”, preferindo o termo “*nurse*”, ao referir-se às profissionais formadas sob sua supervisão, tentando assim diferenciá-las. O termo não teve a aderência esperada, prevalecendo as formas de denominação diferencial com a enfermeira de alto padrão ou diplomada, as quais indicavam uma categoria diferente de profissionais, com uma formação mais exigente. Segundo Germano (1985), foi somente no final do ano de 1961, por força de legislação, que a formação de Enfermeiras no Brasil foi incluída no sistema educacional universitário, estabelecendo-se como pré-requisito para ingresso o curso secundário completo ou equivalente. No entanto a idéia de que as enfermeiras são profissionais de baixa qualificação ainda permanece, assim como permanece também a terminologia diferencial adotada a partir da década de 20.

Segundo a mesma autora, a formação em Enfermagem no Brasil, que no seu princípio voltava-se para as práticas preventivas e para os problemas básicos da maioria da população, foi aos poucos se distanciando disso e acompanhando os avanços do ensino e das práticas médicas, em acordo com o modelo econômico vigente na época. No início da década de 70, as disciplinas de saúde pública já não eram mais obrigatórias no currículo mínimo da graduação e o domínio das técnicas avançadas em saúde se fazia necessário, pois os médicos precisavam de enfermeiras especializadas para atuarem em seus centros cirúrgicos sofisticados e afins, para uma assistência muito mais curativa, restrita a uma minoria da população.

Assim, com base nas idéias das autoras citadas, pode-se depreender que as enfermeiras demonstram não ter buscado manter sua identidade na saúde preventiva, área que embasou seu início como profissão. A formação voltada para as práticas hospitalares

reforçou o estereótipo de auxiliar dos médicos, pois partiu deles a necessidade de especialização e distanciamento da saúde pública, por motivos financeiros que muito pouco atingiam as enfermeiras. Hoje se observa um movimento contrário nos currículos de Escolas de Enfermagem no Brasil, que têm preocupado-se em formar profissionais generalistas, aptos a trabalharem no Sistema Único de Saúde, responsável por atender a grande maioria da população.

### **2.3 Imagem da Enfermeira**

A imagem da enfermeira é uma preocupação das profissionais por todo o mundo, tendo em vista a produção científica acerca do tema encontrada na literatura internacional, indicando que há décadas o assunto é pertinente e merece a atenção dos profissionais. Artigos recentes têm sido produzidos na Austrália (TAKASE, KERSHAW e BURT, 2002; BASHFORD, 1997), China (ARTHUR *et al.*, 1999) e Egito (FULLERTON e SUKKARY-STOLBA, 1995), mostrando que o tema continua sendo objeto de estudo de relevância para a Enfermagem.

No Brasil, no XIX Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em 1966, recomendou-se que as diretorias e os corpos docentes das Escolas de Enfermagem priorizassem uma campanha de divulgação sobre a profissão, procurando criar uma nova imagem da enfermeira, conforme relatado por Castro *et al.* (1974). Isso indica que também no Brasil a imagem pública da enfermeira é motivo de preocupação.

Através da história, a profissão de Enfermagem evoluiu, assim como seu ensino, porém a figura da enfermeira hoje é ainda permeada pelos conceitos e estereótipos associados

à função de auxiliar o médico e à falta de vida social pela total dedicação à profissão (ELLIS, 1998), à figura de fadas e feiticeiras (RODRIGUES, 1997) e até ao erotismo e sensualidade ligados à sua imagem (REZENDE, 1993). São numerosas as referências encontradas associando as enfermeiras a figuras de anjos de branco, santas e religiosas, que podem ser explicadas tanto na cor predominante dos uniformes ou nas origens da profissão, como nas virtudes desejadas tanto para as religiosas como para as enfermeiras, tais como as citadas por Germano (1984): obediência, respeito à hierarquia e humildade. Para Padilha, Nazario e Moreira (1997) as enfermeiras são vistas como os anjos que protegem as vidas humanas, aproximando-se muitas vezes a super-heróis, que não sentem dores, não têm necessidades, horários ou família.

O caráter manual atribuído ao cuidado direto aos doentes contribui para sua desvalorização, visto que as atividades práticas são percebidas como de inferioridade em relação ao trabalho intelectual, próprio do médico, e como fator de desvalorização social, como afirmam Meyer (1992) e Rizzotto (1999). Em seus estudos, essas autoras tratam ainda dos diferentes graus de formação da equipe de Enfermagem, dos quais a sociedade de um modo geral não percebe a diferença, mesmo quando é atendida por esses profissionais. Padilha, Nazario e Moreira (1997) afirmam que a falta de identificação dos níveis dos profissionais de enfermagem ocasiona frustração e diminui o desejo dos estudantes e dos profissionais de continuarem na profissão, sendo mais simples procurar outra, que tenha maior reconhecimento e valorização social.

A formação em Enfermagem não tem contribuído para a mudança na postura e, conseqüentemente, na imagem da enfermeira. Lima (1994) afirma que a educação em Enfermagem ainda carrega a concepção de que as enfermeiras devem ser pessoas disciplinadas e obedientes, sem valorizar em suas atividades de ensino o desenvolvimento de uma postura crítica, dando prioridade a aspectos de conduta e moral.

O agrupamento dos diversos fatores acima descritos, associado à falta de status social e do estabelecimento de limites e atuação e funções, denota nas profissionais frustração, insatisfação e um sentimento de impotência e pessimismo diante dos rumos da profissão (Meyer, 1992). Em associação e/ou decorrência disso, a imagem que as enfermeiras têm de si também é negativa, o que contribui para um baixo grau de auto-realização. Para Santos *et al.* (1988), a auto-imagem da enfermeira é uma responsabilidade da educação em Enfermagem, espaço no qual os professores deveriam estimular o desenvolvimento do autoconceito e da auto-estima nos alunos, pois com estes em níveis elevados, poder-se-ia embasar mudanças significativas na imagem profissional, tornando-a mais positiva.

Em trabalho sobre a imagem da enfermeira na imprensa escrita, Sanna e Secaf (1996) concluem que a enfermeira não é devidamente reconhecida pelo público, sendo confundida com os outros trabalhadores em Enfermagem (como já citado anteriormente) e até com diferentes profissionais da área da saúde, como nutricionistas e fisioterapeutas. O estudo mostra também que a função gerencial do trabalho é pouco expressiva e as atividades de pesquisa da enfermeira são desconhecidas, pois nas notícias analisadas no artigo, houve apenas uma referência à enfermeira como administradora e nada foi encontrado a respeito da função de pesquisadora. Entretanto, nem só de aspectos negativos sua imagem é constituída: foi constatada a utilização do termo enfermeira como sinônimo de prestação de cuidados, com conotação de carinho e eficiência. Mesmo assim, análise das autoras mostra que o espaço ocupado pela Enfermagem na imprensa tem contribuído para reforçar aspectos negativos, distantes da imagem que as enfermeiras fazem de si mesmas. Santos *et al.* (1988, p. 249) questionam com os resultados de sua pesquisa com alunos ingressantes se a influência da mídia na imagem pública da enfermeira é tão determinante quanto parece, pois encontrou esse fator em 4º lugar dentre os que influenciaram a imagem atribuída à enfermeira pelos acadêmicos, tendo menos influência que experiências vivenciadas em situações de

doença, relacionamento com familiares ou amigas que sejam enfermeiras e antecedentes de trabalho no campo da saúde.

A pesquisa na Enfermagem é para Collière (1989) uma das etapas mais importantes no desenvolvimento da profissão, considerando que esta é uma função relativamente nova para as enfermeiras. Segundo Ellis (1998) a investigação em Enfermagem e a conseqüente produção de conhecimentos na área podem contribuir de forma decisiva para elevar o status da profissão.

Há ainda autoras que, mesmo referindo em seus estudos a falta de definição da imagem da enfermeira, o que possibilita incômodas interpretações e representações por parte da sociedade, defendem que é nessa falta de delineamento que reside a força da imagem da enfermeira, pois assim “ela pode metamorfosear-se em formas tão ricas e sedutoras” (REZENDE, 1993, p. 35). Diz a autora ainda que a Enfermagem deveria alargar suas percepções e não se incomodar tanto com estereótipos como o da enfermeira prostituta que, na tentativa de ser combatido, acaba por instituir a rigidez moralizante da conduta profissional, afinal esta seria apenas uma representação. A autora classifica essa situação como um diálogo de surdos, no qual ataca-se a forma com o conteúdo.

Collière (1989) identifica diferentes correntes sócio-econômicas que influenciam as práticas de Enfermagem, entre elas a tecnicidade, a revalorização entre quem presta e quem recebe cuidados e o desenvolvimento em saúde, e afirma que essas influências modificam o papel da enfermeira, bem como as expectativas desse papel. Assim, “a imagem da enfermeira transforma-se, diversifica-se, torna-se mais confusa à medida que é abalada a estabilidade do papel” (COLLIÈRE, 1989, p.188). A autora identifica a Enfermagem com uma formação religiosa matrilinear e uma formação médica patrilinear e afirma que, para distanciar-se de suas origens religiosas, as enfermeiras procuraram especializar-se na tecnicidade, reforçando dessa forma sua associação ao médico. Ou seja, para tentar desvencilhar-se de um

estereótipo, as enfermeiras acabam por aproximarem-se de outro, o que contribui para a confusão de seu papel e de sua imagem.

Para Carapinheiro (1993) a contradição central que atravessa a profissão de Enfermagem é a que se estabelece entre o reconhecimento do papel psicossocial como o papel dominante da profissão, pretensamente concesso de uma verdadeira autonomia em relação ao médico, e o fato de o seu estatuto social na equipe de saúde ser totalmente determinado pela posição objetiva na produção dos cuidados, que o associa ao tecnicismo e à tecnologia, novamente aproximado ao trabalho do médico.

As informações que a literatura traz acerca da imagem da enfermeira em sua maioria se remetem à história da Enfermagem como profissão e à sua evolução, relacionadas ao momento histórico, mais especialmente ao papel da mulher em cada época. Esses aspectos históricos hoje influenciam significativamente a imagem da enfermeira e, mesmo que ocorridos em determinados períodos históricos, separados por grandes espaços de tempo, misturam-se no momento atual, provocando um anacronismo e dificultando ainda mais a definição de uma identidade profissional da enfermeira.



### 3 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica que, para Gil (1999), permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla do que aquela que se poderia pesquisar diretamente. Esse tipo de pesquisa é desenvolvida a partir de material já elaborado em livros e artigos científicos e tem por objetivo colocar o pesquisador em contato com o que já foi escrito sobre o assunto, permitindo aprimorar os conhecimentos e explorar novas idéias. Para a construção desta pesquisa, seguiu-se as seguintes etapas, propostas pelo autor.

1. Formulação do problema: consta da definição de uma questão não resolvida e que seja objeto de discussão em qualquer domínio de conhecimento;
2. Elaboração do plano de trabalho: corresponde ao desenvolvimento que se pretende dar à pesquisa;
3. Identificação e localização das fontes e obtenção do material: as fontes identificadas devem ser capazes de fornecer respostas adequadas à solução do problema proposto, sua localização pode ser feita através de consultas a bibliotecas ou da compra em livrarias;
4. Leitura do material: identificando as informações relevantes aos objetivos da pesquisa, estabelecendo relações entre essas informações e analisando a consistência das informações. É realizada em quatro etapas: leitura exploratória, leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa;

A *leitura exploratória* constitui uma rápida leitura do material com o objetivo de descartar o que não é relevante para alcançar os propósitos da pesquisa. Na *leitura seletiva* faz-se uma leitura aprofundada das partes que realmente interessam dentro de cada obra

selecionada. A *leitura analítica* objetiva ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que possibilitem a obtenção de respostas da pesquisa. É nesta etapa que se procede a identificação das idéias-chave do texto, sua ordenação e sua síntese. Na *leitura interpretativa* procura-se estabelecer relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e o tema o qual está se estudando.

5. Confeção de fichas de documentação: contendo o nome do autor, a referência da obra e um resumo de suas idéias, essa ficha tem por finalidade identificar as obras consultadas, registrar seu conteúdo e ordená-las;
6. Construção lógica do trabalho: na qual organizam-se as idéias tendo em vista atender os objetivos iniciais do estudo;
7. Redação do texto: considerada a última etapa de uma pesquisa bibliográfica, a redação do texto consiste na expressão literária do raciocínio desenvolvido no trabalho.

A identificação e localização das fontes utilizadas no presente estudo ocorreu em dois momentos: no Sistema de Automação de Bibliotecas da Biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Internet, no *site* da biblioteca virtual do Portal CAPES, acessado através dos computadores da Escola da Enfermagem da UFRGS, nos periódicos disponíveis na área de Enfermagem. Foram utilizadas como palavras-chave os descritores em ciência da saúde cadastrados na Biblioteca Virtual em Saúde, da BIREME, considerados relevantes ao objeto deste estudo: Papel do Profissional de Enfermagem (*Rol de la Enfermera; Nurse's role*), Prática Profissional/história (*Practica Profesional/historia; Professional Practice/history*), História da Enfermagem (*Historia de la Enfermería; History of nursing*). Como critério para seleção, o artigo científico pesquisado deveria corresponder a um dos descritores selecionados e ter sido publicado nos últimos cinco anos, nas línguas portuguesa, inglesa ou espanhola.

A busca de artigos através do Sistema de Automação de Bibliotecas da Biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ocorreu em 03/07/2003. A pesquisa com o descritor Papel do Profissional de Enfermagem (*Rol de la Enfermera; Nurse's role*), resultou em um artigo que, após a leitura exploratória, não foi considerado relevante à temática pesquisada. O descritor Prática Profissional/história (*Practica Profesional/historia; Professional Practice/history*) resultou em nove artigos, sendo que apenas um foi considerado pertinente ao estudo. Na pesquisa com o descritor História da Enfermagem (*Historia de la Enfermería; History of nursing*) o resultado constou de dez obras científicas sendo que, após a leitura exploratória, nenhuma foi selecionada como relevante para alcançar os propósitos da pesquisa.

Na pesquisa de artigos na Biblioteca Virtual do Portal CAPES, realizada em 07/07/2003, os descritores foram utilizados na busca em todos os periódicos disponíveis, resultando ao todo 121 artigos científicos. Após a leitura exploratória, apenas dois trabalhos foram considerados relevantes ao estudo, ambos publicados na língua inglesa.

Acredita-se que a grande diferença entre a quantidade de artigos encontrados e os que foram considerados realmente relevantes está na abrangência dos descritores selecionados para a pesquisa, que se relacionam a muitas áreas da Enfermagem não pertinentes à temática deste estudo.

O projeto inicial deste estudo propunha pesquisar, junto a algumas Universidades no país que tenham Graduação em Enfermagem, a densidade de candidatos/vaga para o vestibular de Enfermagem e os índices de abandono de curso, informações que subsidiariam as discussões propostas. Porém a dificuldade de comunicação com as secretarias das Universidades e o estado de greve dos servidores instaurado durante os contatos com as instituições impediram a concretização dessa etapa.

Como aspectos éticos, as normas de autoria foram respeitadas, sendo que todas as obras utilizadas tiveram seus autores devidamente citados e referenciados.

#### 4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

O material selecionado é analisado neste capítulo. São três artigos científicos que contêm em seus resumos, títulos ou palavras-chave os descritores citados no capítulo anterior, haviam sido publicados em português, inglês ou espanhol nos últimos cinco anos e foram considerados de relevância para o propósito do estudo.

**Quadro 1:** Artigos selecionados para a pesquisa bibliográfica.

<i>Título do artigo</i>	<i>Does public image of nurses matter?</i>	<i>Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em Enfermagem</i>	<i>Caring attributes, professional self concept and technological influences in a sample of registered nurses in eleven countries</i>
<i>Característica</i>			
<i>Ano de publicação</i>	2002	2002	1999
<i>Metodologia</i>	Pesquisa quantitativa	Pesquisa documental	Pesquisa quantitativa
<i>Autores</i>	Miyuki Takase, Esme Kershaw e Lorraine Burt	Alcione L. da Silva, Maria I. C. S. Padilha e Miriam S. Borenstein	D. Arthur <i>et al.</i>
<i>Idéias Centrais</i>	Os estereótipos da imagem da enfermeira influenciam negativamente sua prática, sendo essencial uma melhoria na sua imagem pública	A produção de conhecimento em enfermagem mostra uma ideologia voltada para a afirmação do status profissional, a definição de papéis e a busca da autonomia, na tentativa de minimizar os fatores que influenciam a realidade profissional	As enfermeiras de países diferentes têm aspectos em comum sobre as concepções de cuidado e seus fatores relacionados. Elas têm, em geral, uma visão positiva de seu trabalho e um bom relacionamento com seus colegas
<i>Idioma de publicação</i>	Inglês	Português	Inglês
<i>País de publicação</i>	Estados Unidos	Brasil	Inglaterra
<i>Periódico no qual foi publicado</i>	Journal of Professional Nursing	Revista Latino-Americana de Enfermagem	International Journal of Nursing Studies

Fonte: Pesquisa bibliográfica, Nauderer, T. M. Coleta de informações através de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre, julho de 2003.

#### 4.1 Artigo *Does public image of nurses matter?*

Em “*Does public image of nurses matter?*”, Takase, Kershaw e Burt (2002) trazem na revisão da bibliografia os estereótipos associados à figura da enfermeira como anjos, ajudantes (criadas) de médicos, mulheres briguentas que permanecem ainda hoje, especialmente na cultura ocidental. Afirmam que a opinião pública é extremamente poderosa na determinação da estrutura social e nas normas da sociedade. Assim, clarificar os impactos dos estereótipos públicos da imagem da enfermeira corrobora para aumentar sua credibilidade na imagem pública. O trabalho propõe uma investigação acerca da percepção das enfermeiras sobre sua imagem pública, relacionando o estado psicológico (auto-imagem e auto-estima) e o estado funcional (satisfação e performance). É um estudo quantitativo, realizado com 80 estudantes de pós-graduação de uma Escola de Enfermagem de uma Universidade do leste da Austrália.

São considerados pelos autores fatores que contribuem para a manutenção dos estereótipos da imagem da enfermeira:

- ♦ Hierarquia entre médico e enfermeira, que provém de suas respectivas formações;
- ♦ História e papel da enfermeira;
- ♦ Condição de profissão feminina;
- ♦ Reforço da mídia com as imagens tradicionais das enfermeiras.

O artigo faz considerações e formula hipóteses sobre a temática abordada. Relaciona a auto-imagem das enfermeiras com a imagem pública de sua profissão, com a comparação que fazem de sua condição com o status do médico e com o “processo de socialização” profissional. Nesse sentido, afirma que a extensão da influência desses fatores no autoconceito das enfermeiras é incerta. Os autores afirmam ainda que a auto-imagem das

enfermeiras depende também de mecanismos inconscientes que motivariam os indivíduos dotados a manter uma imagem positiva de si mesmos, sendo que estes seriam menos influenciados pela imagem pública negativa das enfermeiras.

Em relação à auto-estima, os autores trazem o conceito de auto-estima coletiva da profissão, que deriva de fatores objetivos tais como posição nas estruturas das organizações, poder nas relações entre grupos e reputação social da profissão. A auto-estima coletiva das enfermeiras corresponde a avaliação de como as profissionais (em grupo) são valorizadas socialmente. É influenciada pelo pouco reconhecimento público da profissão, pela discrepância entre a identidade profissional e a prática atual, com pouca autonomia e poder de decisão.

Os autores abordam também os conceitos de satisfação com o trabalho e de performance, relacionando o primeiro com a discrepância da auto-imagem em relação à percepção da imagem pública das enfermeiras. A performance das enfermeiras estaria relacionada mais positivamente com a auto-imagem e sua discrepância da imagem pública e também com o grau de relacionamento com outros grupos de profissionais da área da saúde. São interessantes as afirmações que as autoras fazem a respeito do relacionamento das enfermeiras com os outros profissionais, pois elas não se detêm apenas à subordinação ao médico, trazendo outras profissões e referindo um caráter de igualdade nas relações.

Foram utilizadas pelas autoras diferentes escalas para avaliar:

- ◆ Como as enfermeiras pensam que a sociedade as vê? – *Porter Nursing Image Scale*
- ◆ A auto-aceitação relacionada a auto-estima – *Self-Esteem Scale*
- ◆ A auto-estima coletiva – *Collective Self-Esteem Scale*
- ◆ A satisfação no trabalho – *Index of work satisfaction*
- ◆ A performance das enfermeiras - *Six-Dimension Scale of Nursing*

A análise dos dados do artigo citado confirma a maioria das relações entre auto-imagem, auto-estima coletiva, satisfação com o trabalho e performance tratadas anteriormente pela literatura revisada. Destacam-se os achados acerca da discrepância entre a percepção das enfermeiras sobre a imagem pública de sua profissão e a sua própria percepção como profissional, que referem que essa discrepância, resultante dos estereótipos de sua imagem, prejudica o potencial de sua prática e reforça a incongruência entre a ideal e a atual realidade profissional. Outra discussão afirma que a pouca valorização social da profissão de enfermeira afeta a auto-estima coletiva levando a uma dificuldade de internalizar o orgulho de ser enfermeira.

As conclusões desse estudo podem ser descritas em quatro itens:

- ♦ Os estereótipos da imagem da enfermeira influem negativamente sua prática;
- ♦ As relações com outros profissionais da área da saúde e o desenvolvimento de auto-imagem positiva são recursos para minimizar os impactos negativos da imagem distorcida das profissionais;
- ♦ Uma melhora na imagem pública da enfermeira é essencial;
- ♦ As enfermeiras necessitam desenvolver medidas que contra-ataquem os múltiplos efeitos dos estereótipos da profissão.

Esse artigo tem uma relação muito estreita com o objeto do presente estudo, contribuindo com muitas informações. Destaca-se a melhoria nas relações com os outros profissionais da saúde como um dos recursos para minimizar as conseqüências das distorções na imagem das profissionais, afirmação a qual não se encontrou referência na produção científica brasileira revisada para esta pesquisa.



## **4.2 Artigo Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em Enfermagem**

No artigo intitulado “Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em Enfermagem”, Silva; Padilha e Borenstein (2002) afirmam que o processo de construção do conhecimento da profissão de Enfermagem reflete as transformações inerentes ao contexto histórico no qual se insere. Assim, propõem-se a analisar as dispersões na construção do conhecimento em Enfermagem a partir das temáticas discutidas nos Congressos Brasileiros de Enfermagem, no período de 1977 a 1987.

Inicialmente as autoras apresentam um panorama da realidade política, econômica e social dos anos pesquisados, trazendo informações sobre os sistemas e as políticas públicas de saúde da época. Referem que, no período estudado, a Enfermagem passava por uma crise que era traduzida nos trabalhos encontrados, principalmente, por posicionamentos sobre a imagem desfavorável da profissão na sociedade e a indefinição de identidade profissional. Isto justificado pela exclusão do papel da enfermeira nos programas públicos de assistência à comunidade e pela diminuta participação na definição de políticas de saúde.

Referindo-se ao fato de que, em 1980, não havia em nenhum Ministério Federal Departamento ou Coordenação de Enfermagem que influenciasse as decisões políticas que envolviam diretamente a Enfermagem, as autoras trazem uma citação que relaciona isto à hegemonia do profissional médico, ao reflexo da posição da mulher na cultura brasileira e a estereótipos relacionados com a profissão. Aqui novamente encontramos reflexos negativos das distorções da imagem da enfermeira na sua realidade profissional.

Tratando mais especificamente do status da mulher na sociedade brasileira da época, as autoras trazem em sua pesquisa referências que relacionam a imagem feminina associada

às enfermeiras à marginalidade das profissionais na equipe de saúde, à imagem desfavorável da profissão, aos estereótipos/mitos da profissão e indefinição do papel da enfermeira, à falta de autonomia, ao precário desenvolvimento profissional da Enfermagem, à dificuldade de inserção no mercado de trabalho e às péssimas condições de trabalho. Desse modo, as autoras afirmam que a Enfermagem, pelo “simples” fato de ser exercida majoritariamente por mulheres, torna-se um trabalho diferenciado e subalterno.

Outro fator de desvalorização da profissão, encontrado nos resumos pesquisados pelas autoras, foi a falta de qualificação da maioria dos profissionais de Enfermagem, que acabava por caracterizar seu serviço como centrado em tarefas distribuídas de forma acrítica e executada com objetivos apenas imediatos.

Assim, delineava-se na Enfermagem dos anos 70 e 80 uma ideologia voltada para a afirmação do status profissional, a definição de papéis e a busca da autonomia, na tentativa de minimizar os fatores acima descritos como influenciadores da realidade profissional. Percebe-se que esses fatores estão ainda presentes no cotidiano das profissionais duas décadas depois, levando-nos a acreditar que, se algo tem sido feito para modificar essa realidade, não está sendo muito efetivo.

#### ***4.3 Artigo *Caring attributes, professional self concept and technological influences in a sample of registered nurses in eleven countries****

O trabalho “*Caring attributes, professional self concept and technological influences in a sample of registered nurses in eleven countries*”, de Arthur *et al* (1999) trata das características do cuidado, auto-imagem profissional e influência tecnológica em uma

amostra de 1957 enfermeiras registradas de 11 países. É uma pesquisa quantitativa, idealizada por pesquisadores chineses, que analisou questionários aplicados as enfermeiras. O objetivo central consistia em desenvolver um entendimento e comparar as respostas das enfermeiras de diferentes países sobre itens e conceitos relacionados a cuidado, auto-imagem profissional e influências tecnológicas.

Em relação ao cuidado, as enfermeiras respondiam às questões propostas: O que significa o cuidado pra você como enfermeira? Quando eu estou trabalhando com meu paciente, eu exercito o cuidado quando eu...; Como o cuidado é aprendido ou ensinado?

Sobre a auto-imagem profissional, os aspectos levantados dizem respeito a cinco escalas: habilidade, liderança, flexibilidade, comunicação e satisfação, e são estudadas através de um instrumento denominado *Professional Self-Concept of Nurses Instrument* (PSCNI).

As influências tecnológicas foram abordadas em relação as suas vantagens e desvantagens, levando em conta a economia de tempo, o aumento da segurança para os pacientes, o crescimento dos riscos e do estresse nos profissionais, os dilemas éticos resultantes da manutenção artificial da vida, entre outros.

Dentre os achados, destaca-se que as enfermeiras da Ásia eram mais jovens, menos experientes, porém mais qualificadas em comparação às enfermeiras do ocidente. As enfermeiras das Filipinas, Suécia e África do Sul atribuíram escores significativamente mais elevados ao cuidado que as da China, Coreia e Escócia. As enfermeiras coreanas da amostra demonstraram o mais baixo escore para a auto-imagem profissional, enquanto as enfermeiras da Nova Zelândia demonstraram o mais alto. As entrevistadas da Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Escócia e Suécia demonstraram concordância com a idéia de que os avanços tecnológicos não trouxeram economia de tempo ao seu trabalho e, no geral, possuem opinião

mais negativa sobre a influência da tecnologia, quando comparadas às enfermeiras da China, Filipinas e Singapura.

As conclusões gerais do artigo afirmam que a maioria das enfermeiras aguarda de uma forma positiva o seu trabalho diário e que em geral têm um bom relacionamento com seus colegas de trabalho. A maior parcela também concorda com a afirmação de que “trabalhar como enfermeira é, na maioria das vezes, como eu imaginava antes de começar”, porém a quantidade de enfermeiras que discordam é significativa, especialmente na China e na Coréia.

Esse artigo foi selecionado para amostra da presente pesquisa por abordar, especificamente, a auto-imagem das enfermeiras pesquisadas. Não são feitas referências à imagem pública da enfermeira, porém pode-se perceber que a maioria delas refere uma imagem positiva de si mesma como profissional, mesmo que os achados de outros autores, anteriormente citados, apontem para uma importante influência da imagem da sociedade na auto-imagem das enfermeiras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem que a sociedade constrói da enfermeira é influenciada por estereótipos e por idéias irreais das profissionais e de seu trabalho. Na história da profissão de Enfermagem encontram-se muitas das razões para essas distorções.

A Enfermagem teve sua origem no cerne da condição de mãe cuidadora de seus filhos. Assim, como profissão predominantemente feminina desde o início, a imagem das enfermeiras acompanhou intimamente a imagem da mulher através da história, compartilhando características como submissão ao sexo masculino, obediência, desvalorização e, mais tarde, acompanhou também a luta por reconhecimento e valorização. A Enfermagem, quando já organizada como prática, estabeleceu com a medicina uma relação de dependência e subalternidade, trazendo para a figura do médico a dependência que tinha dos homens. Assim, a falta de autonomia das enfermeiras, que é apontada hoje pelas profissionais como um entrave ao desenvolvimento da profissão, também tem suas raízes nos valores e papéis que a mulher exerceu no decorrer dos anos.

Na idade média, tempo de supremacia da Igreja Católica no mundo ocidental, a Enfermagem foi organizada quase que exclusivamente nas ordens cristãs. Dessa época resulta a imagem de religiosas, com figuras alvas, puras e angelicais, mesmo que nos dias de hoje apenas uma pequena parcela das instituições de saúde esteja associada à religião. Assim, virtudes como humildade, bondade, doação passaram a fazer parte da imagem pública das enfermeiras.

Da mesma forma descrita acima, a baixa remuneração das profissionais tornou-se aceitável, pois uma vocação como cuidar dos doentes encontraria sua recompensa em si mesma, na própria prática. A pouca mobilização política das profissionais e as diminutas

iniciativas de reivindicação por melhores salários e condições de trabalho contribui para assegurar atualmente essa defasagem de rendimentos. Um exemplo no qual se pode observar as diferenças de vencimentos das enfermeiras em relação aos outros profissionais de saúde de curso superior são os editais de concursos públicos para área de saúde, nos quais muito usualmente vêm descritas as remunerações básicas das categorias, com diminuição de salário para as enfermeiras, mesmo com equivalência de carga horária aos dos outros profissionais.

No período do Renascimento a enfermagem foi exercida por mulheres de pouco valor para a sociedade, como prostitutas e bêbadas. A imagem das mulheres que exerciam a profissão constava de desleixo, falta de higiene e de feminilidade. Pode-se observar então grande variação e até oposição nas características atribuídas às profissionais, através da história.

Há pouco mais de 40 anos, a formação das enfermeiras no Brasil firmou-se como atividade de ensino superior. É pouco tempo, se levarmos em conta que as práticas de cuidado aos doentes sempre existiram e que outras profissões da área da saúde, muito menos antigas, tiveram seu reconhecimento como formação universitária há mais tempo. Tudo isso reforça a confusão do que, para mim, é um dos aspectos da profissão que é menos conhecido da população: a diferença entre as auxiliares de enfermagem, técnicas de enfermagem e enfermeiras.

Outro aspecto que contribui para a desvalorização das enfermeiras é a imagem negativa que elas têm de si próprias e de seu trabalho, que costuma ser caracterizada com frustração pelos baixos rendimentos e pela falta de autonomia e também pela realidade profissional, diferente da idealizada na graduação. O papel da educação em Enfermagem é fundamental na mudança, pois os docentes podem contribuir para a formação de um ideário condizente com a prática profissional e para o estabelecimento de auto-imagem/autoconceito e auto-estima elevados nas futuras profissionais. As enfermeiras devem acreditar primeiro em

seu valor como profissionais para que consigam atuar de maneira efetiva na modificação das condições atuais.

As informações resultantes da análise dos artigos selecionados para essa pesquisa confirmam os achados da literatura anteriormente revisada. É interessante perceber que pesquisas realizadas em outros países (no caso de um artigo estudado, em 11 países), em geral, encontram as mesmas características negativas na imagem pública das enfermeiras que as identificadas no Brasil.

A realização deste trabalho esclareceu muitas das dúvidas que me acompanhavam desde o início da graduação e incitou vários outros questionamentos, que poderão servir para futuras pesquisas de campo sobre o tema. Surpreendeu-me a pequena produção científica sobre o tema, especialmente no Brasil, pois se verificou que a imagem negativa da enfermeira prejudica de muitas formas sua prática profissional, sendo esta por si só uma justificativa para que mais estudos sejam realizados, tanto na tentativa de definir melhor a imagem pública da enfermeira como na proposição de medidas que possam contribuir para mudar essa realidade.

## REFERÊNCIAS

- ANGELO, Margareth; FORCELLA, Hideko Takeuchi; FUKUDA, Olza Marlene Kuae. Do empirismo à ciência: a evolução do conhecimento em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 211-223, ago., 1995.
- ARTHUR, D. *et al.* Caring attributes, professional self-concept and technological influences in a sample of Registered Nurses in eleven countries. **International Journal of Nursing Studies**, Oxford, p. 387-396, 1999.
- BASHFORD, Alison. Starch on the collar and sweat on the brow: self sacrifice and status of work of nurses. **Journal of Australian Studies**, Sidney, n. 52, p. 67-75, 1997.
- CARAPINHEIRO, Graça. **Saberes e poderes no hospital**. Porto: Edições Afrontamento, 1993. 295 p.
- CASTRO, Ieda Barreira et al. Modificações da imagem da enfermeira percebidas pelos estudantes, durante o curso de graduação de Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 180-205, abr. /jun., 1974.
- COLLIÈRE, Marie-Françoise. **Promover a vida**. Da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem. Lisboa: Sindicato dos enfermeiros portugueses, 1989. 385 p.
- DORSCH, Friedrich. **Dicionário de Psicologia Dorsh**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ELLIS, Janice Rider. **Enfermagem contemporânea: desafios, questões e tendências**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 447 p.
- FULLERTON, Judith T.; SUKKARY-STOLBA, Soheir. Advancing the status of nursing in Egypt: the project to promote the development of high institutes of nursing. **International Journal of Nursing Studies**, Oxford, v. 32, n. 5, p. 518-524, 1995.
- GERMANO, Raimunda Medeiros. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1985. 118p.
- GIL, Antonio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed., São Paulo: Atlas, 1999.



LIMA, Maria Alice Dias da Silva. Ensino de enfermagem: retrospectiva, situação atual e perspectivas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 47, n. 3, p. 270-277, jul. /set., 1994.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Ao olhar-se no espelho, a enfermeira não tem gostado da imagem que aí vê refletida... **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 45, n. 2/3, p. 176-182, abr. / set., 1992.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. A mulher / enfermeira nos âmbitos doméstico-familiar e público: uma abordagem teórico-contextual. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 15, n. 1/2, p. 5-12, jan. /dez., 1994.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; NAZARIO, Nazaré Otilia; MOREIRA, Marléa Chagas. A compreensão do ideário da enfermagem para a transformação da prática profissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 50, n. 3, p. 307-322, jul. /set., 1997.

REZENDE, Ana Lúcia Magela. A Imagem da enfermagem numa perspectiva formista. **Enfermagem Revista**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-36, abr., 1993.

RIZZOTO, Maria Lucia Frizon. **História da enfermagem em sua relação com a saúde pública**. Goiânia: AB, 1999. 112 p.

RODRIGUES, Maria Socorro Pereira. De fada e feiticeira à sua imagem atual. A mulher enfermeira: cuidadora, gerente, pesquisadora. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 104-117, jan. /abr., 1997.

SANNA, Maria Cristina; SECAF, Victoria. A imagem da enfermeira e da profissão na imprensa escrita. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 170-182, dez., 1996.

SANTOS, Vera Lúcia Conceição de Gouveia et al. A imagem de enfermeira e do enfermeiro percebida por alunos ingressantes no curso de graduação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 41, n. 3/4, p. 241-251, jul. /dez., 1988.

SILVA, Alcione Leite da PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Susskind. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 4, p. 586-595, jul. /ago., 2002.

SILVA, Daniel Marques. **Correntes de pensamento em ciências de enfermagem**, 2003. Acesso em 07 de fevereiro de 2003. Disponível em: <[http://www.ipv.pt/millenium/Millenium26/26\\_24](http://www.ipv.pt/millenium/Millenium26/26_24)>.

TAKASE, Miyuki, KERSHAW, Esme, BURT, Lorraine. Does public image of nurses matter? **Journal of Professional Nursing**, New York, v. 18, n. 14, p. 196-205, Jul./Aug., 2002.



**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**ESCOLA DE ENFERMAGEM  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO  
DISCIPLINA ENF 99003 – ESTÁGIO CURRICULAR**

**CRITÉRIO PARA AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO**

TÍTULO: A imagem da Enfermagem

ACADÊMICO: Tais Maria Nauderer

ÍTEMS DE AVALIAÇÃO	PONTUAÇÃO	
1. Título: adequado à proposta do estudo	0,5	0,5
2. Introdução: apresentação do tema	1,5	1,5
⇒ Delimitação clara do objeto de estudo		
⇒ O problema está apresentado e de forma clara		
⇒ Relevância do estudo para a enfermagem esta descrita		
3. Objetivos: apresentação clara e objetiva	1,0	1,0
4. Revisão da literatura está adequada ao objetivo do estudo	1,0	1,0
5. Metodologia	1,5	1,5
⇒ Tipo de estudo		
⇒ Campo de estudo		
⇒ População/amostra		
⇒ Coleta de dados/informação		
6. Análise dos resultados	2,5	2,5
7. Considerações Finais	1,0	1,0
8. Apresentação das referências bibliográficas e Anexos	0,5	0,5
9. Adequação às normas de redação científica	0,5	0,5
<b>TOTAL</b>		<b>10</b>

**PARECER:** Aprovado. O tema estudado é relevante para a prática da profissão. O trabalho apresenta ótima redação. Destaca-se o quadro 1, que sintetiza as informações dos artigos analisados.

Data: 18/08/03

Professor Avaliador Miriam Amado

Professor Avaliador João de Paiva Júnior